

SOBRE AUTOBIOGRAFIA E INFÂNCIA

Elaine Pedreira Rabinovich¹

Maura Espinheira Avena²

Maria Angélica Vitoriano da Silva³

Teresa Cristina Merhy Leal⁴

Resumo:

Este estudo objetivou compreender a autobiografia como método de “recoletados” elementos nas trajetórias de vida a partir da visão infantil e assim transcender as narrativas em geral elaboradas consciente e racionalmente. Nessa perspectiva, o relato autobiográfico pode ser um caminho metodológico para explorar a condição humana visto que dimensões do ser não teriam alcançado uma forma articulada se o projeto de uma compreensão autobiográfica não tivesse ocorrido. Portanto, ao submergirmos nas lembranças da infância, da perspectiva do adulto, é possível perceber os caminhos percorridos e as escolhas que nos tornaram quem somos hoje, o que de outra maneira estaria perdido devido à nossa própria tendência para o esquecimento.

Palavras-chave: Autobiografia; Experiências pessoais; Infância.

Abstract:

This study aimed to understand autobiography as a method for “recollecting” elements in life trajectories from a childish point of view and so to transcend the usually conscious and rationally elaborated narratives. From this perspective, an autobiographical report can be a methodological resource to explore human condition because dimensions of being would not reached an articulated form if the project of an autobiographical comprehension would not be existed. Therefore, merging into child remembering from an adult perspective may turn possible to view our journey and the choices that made us be what we are now, and that otherwise would be lost due to our own tendency to forget.

Key words: Autobiography; personal experiences; infancy.

¹Elaine Pedreira Rabinovich, Psicóloga, Doutorado em Psicologia Social/IPUSP, professora do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSAL. E-mail: elainepr@brasmil.com.br

²Maria Angélica Vitoriano da Silva, Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSAL. E-mail: marvitoriano@gmail.com

³Maura Espinheira Avena, Assistente Social, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea/UCSAL, professora universitária. E-mail: mauravena@bol.com.br

⁴Teresa Cristina Merhy Leal, Pedagoga, Mestre em Família na Sociedade Contemporânea/UCSAL, professora e coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade Dom Pedro II (FDPII). E-mail: teresa.leal@gmail.com

A autobiografia tem sido apontada como um caminho metodológico para explorar a condição humana, ao mesmo tempo em que o relato autobiográfico é visto como impedindo um “verdadeiro” conhecimento científico. Freeman (2007) sugere que esta questão pode ser associada à sua dimensão poética na medida em que tal relato se aproxima da literatura imaginativa. No entanto, este autor argumenta que é esta mesma dimensão que pode abrir o caminho em direção a uma compreensão mais plena da narrativa e de sua promessa de compreender a condição humana e da condição da ciência em si.

Verena (1991) discute como a literatura, com base em uma sociedade que se individualiza, concomitantemente desenvolve um interesse pela autobiografia – que se diferenciaria das narrativas tradicionais por não serem contadas em voz alta – mas que implica em uma contradição na medida em que o que caracterizava a sociedade anterior, a hierarquia fundamentada no valor como elementos de diferenciação entre grupos e pessoas – acabou por criar o seu contrário, ou seja, um indivíduo como “compensação totalizadora à fragmentação e ao nivelamento de todos os domínios, o lugar da unidade, do todo e do valor” (p. 72). Verena aponta que a “energia constitutiva” da autobiografia não seria o imaginário, mas o significado visando uma síntese totalizadora, “uma procura do tempo perdido” (p. 77), mítico, onde “sua possível explicação seria elaborar uma explicação para o passado, na qual o tempo finalmente pára” (p. 78). Contudo, aponta que se trata de uma ilusão de unidade do eu devido à distância entre “o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação, a pluralidade de perspectivas da voz narrativa e as divisões internas do eu que se proclama único” (p. 79).

Freeman (2007) sustenta que, pela narrativa autobiográfica, um novo *self* é moldado: dimensões do ser são reveladas que literalmente não teriam existido, não teriam alcançado uma forma articulada, se o projeto de uma compreensão autobiográfica não tivesse ocorrido. A vida recontada toma uma perspectiva inacessível à percepção comum e marca uma extrapolação poética que remodela nossas relações com relação ao mundo. Assim, há uma dupla *poiesis* neste processo: a síntese de elementos heterogêneos de uma vida e a reconstrução do *self* em sua imagem (Freeman, 2007, p. 32). Paz (1973, apud Freeman, 2007) diz que a experiência poética deve ser compreendida como uma revelação de nossa condição original, que emerge sempre como a criação de nós mesmos.

É nesta direção que acreditamos que relatos, imersos em uma profundidade subjetiva de uma re-criação de um olhar infantil, podem olhar para e perceber um

momento datado de suas vidas que permita ordenar retrospectivamente as escolhas que levaram à opção profissional/ temática da pessoa. Com isto, estamos supondo que há “verdades” que se mantêm, “uma espécie de tradição entre eu próprio e mim que estabelece uma antiga e nova fidelidade, pois o passado elaborado no presente é também uma promessa e uma profecia do futuro” (Gustorf, 1980, apud Freeman, 2007, p. 148). Além disto, como Freeman mesmo enfatiza ao final de seu texto, a tendência das autobiografias é serem convencionais, sem diferenciar datas de reais acontecimentos, sem a capacidade de mergulhar na “noite selvagem” exigida para que se extrapole o que já dito e já sabido. Aponta, ainda, a questão do uso da linguagem como um impedimento para a algo de novo seja revelado. Neste sentido, embora seu texto se baseie na *poiesis*, não alcança o significado pleno da poética que é o de revelar a condição humana a cada humano, em certa medida além da linguagem.

Neste sentido, estamos valorizando o modo como as experiências informam a auto-compreensão mais do que “a multiplicidade, estrutura e valência destas auto-compreensões” (Pasupathi, Mansour, Brubaker, 2007, p. 108), ou seja, mais do que as próprias narrativas autobiográficas. Segundo estes autores, estaríamos mais à busca de revelações do que de relações causais orientadas para o futuro na medida em que as revelações “apontam para um *self* passado que não estava reconhecido” (p. 12).

Infância e desenvolvimento, poética e historicidade, termos aparentemente dissociados, talvez devido às inúmeras reduções ocorridas através dos tempos, reaparecem, então, como intimamente relacionados. Concreto *quer dizer, precisamente: o que cresceu junto* (Bosi, 2000, p. 134). Crescer junto pode ser compreendido como o principal significado de desenvolvimento: o de que a criança se torna o humano co-produzindo em/por sua cultura.

A instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência; não de um passado cronológico puro – o dos tempos já mortos – mas de um passado presente cujas dimensões míticas se atualizam no modo de ser da infância e do inconsciente (Bosi, 2000, p. 131/2).

Agamben (2000) concebe a possibilidade da historicidade humana a partir da infância, ou seja, de um momento anterior à linguagem, associado à origem etimológica do termo infância: *in/fans*: o que ainda não fala. Para este autor, se não houvesse este momento, não haveria história no sentido de haver mudança e transformação, social e individualmente.

As histórias autobiográficas que tentam recuperar um passado presente no modo de ser da infância não estariam lidando com aspectos inconscientes, mas com aspectos que foram deixados à sombra. Pensamos que sua revivescência pode trazer elementos que transcendem as narrativas em geral, elaboradas consciente e racionalmente.

Na busca da significação de lembranças, que implica em ativarmos as nossas memórias e de dialogarmos com o passado presente, nos debruçamos na literatura, mobilizados por um desejo individual e coletivo, que nos tem apontado caminhos sobre a importância do ato e da arte de lembrar, a partir dos registros autobiográficos de experiências pessoais significativas sobre o olhar infância.

Louise Chawla (1985), estudando a vida de dois gênios, William Wordsworth e William Carlos Williams, observou que eles pareceram reter, quando adultos, a capacidade de ver o mundo de um modo infantil, sem moralismos ou prisão em hábitos. Para ambos os poetas, o mundo era visto com um sentido de um potencial do que poderia ser. Criança e poeta também se assemelham quanto à sensualidade de seu encontro com o mundo. Ambos os poetas viam a linguagem como incorporando a relação das pessoas ao seu meio, para desenvolver um novo uso da linguagem para tornar possível uma nova relação. Para essa autora, indivíduo, ambiente e cultura, cada um imprime a sua forma sobre o outro. No processo de mudança, uma obra de arte atinge o equilíbrio momentâneo embora durável entre o conservadorismo da história pessoal, incorporado na memória, e o impulso da história, meio-criando e meio-percebendo, em resposta a uma realidade que é a sua circunstância de vida.

Hesse, em *A Infância do Mago* (2010), descreve de forma poética sua infância, da perda desta e, conseqüentemente, dos sonhos e das fantasias desta fase para ele tão mágica e importante. Neste itinerário retrata não só os personagens/pessoas que o fizeram viver e vibrar, como também seu vínculo com cheiros, objetos, animais, plantas, imagens e todas as coisas que faziam parte do seu mundo, estabelecendo um paralelo com o que ele levou para sua vida adulta e o que se perdeu com o tempo. Em seu poético relato, descreve situações e pessoas que exerceram influência na sua vida futura – das figuras parentais, às pessoas do seu ambiente familiar, bem como, àquelas tidas como “mágicas” que a fantasia da infância alcançava e que, por certo, exerceram importância na construção do seu *self*, orientaram o curso da sua vida e marcaram de forma indelével seu trabalho.

Já o escritor Amós Oz (2005, p. 35), em sua autobiografia, escreve:

E a verdade é que esta estranha vontade que eu tinha quando pequeno – a de dar uma segunda chance ao que não tem nem vai ter segunda chance – é uma das coisas que impelem a minha mão também agora – toda vez que me sento para escrever uma história.

Para Chawla (1995), porque as memórias são reconstruídas dentro de histórias culturais, há algumas tradições que enquadram o que é conhecido em dado momento e, em geral, empregamos estas histórias sem conscientemente prestar atenção a elas. Ela acredita que, contudo, com a modernidade, a experiência da infância passou a ser contradita e negada, donde tais memórias poderiam não se atualizar no encontro com o presente e com o futuro.

Os relatos acima enfatizam a possibilidade de algo na infância dirigir aspectos da vida adulta e ser recordado.

No entanto, foi Graciliano Ramos quem mais se aprofundou neste tema. Escreveu, no final de sua vida, um texto autobiográfico, *Infância* (ano), no qual a sua infância se apresenta como a época decisiva na qual se formaram suas convicções éticas, que marcaram a sua existência como escritor, provocaram sua resistência ante qualquer autoridade e fundaram seu ateísmo (Nitschack, 2009, p. 287). Para ele, a escrita da infância busca abrir espaços para a liberdade individual, e como o sujeito individual pode escapar às fatalidades históricas e sociais às quais está submetido (p. 238). Para Graciliano Ramos, o fundamento do narrar é sempre a experiência, sendo essa experiência do sujeito individual que legitima a narrativa (Nitschack, 2009). Pelo sofrimento, aparecem as contradições, as imperfeições, as fissuras do sistema totalizador e repressor nas quais se instala o sujeito individual. O sofrimento permite descobrir o lugar da subjetividade possível, i.e., o lugar da liberdade que se abre para o sujeito no encontro da palavra com o mundo e assim constrói uma coerência necessária entre a sua infância e a vida atual de escritor (Nitschack, 2009, p. 242).

Para Graciliano Ramos, o sujeito se confirma como tal no entre-lugar entre linguagem e mundo, nessa fissura que se instaura entre essas duas forças ou realidades objetivas (Nitschack, 2009, p. 244). Somente um ato de rebeldia, seja contra a linguagem, seja contra o mundo, pode fundar a liberdade subjetiva. Na sua visão, o sujeito não está preso neste mundo sem saída. Desde a fissura onde ele se constitui, ele tem a oportunidade da intervenção criativa, seja um ato de significar, i.e., em um ato poético, seja em um ato prático, concreto. Nos dois casos, trata-se de um processo transformativo: a dor que é indispensável para a formação do sujeito, converte-se em

uma energia que busca acabar com o sofrimento, a injustiça e a repressão. (Nitschack, 2009, p. 246).

Portanto, alguns escritores afirmam que, durante a sua infância, algumas experiências pelas quais passaram, segundo Graciliano Ramos, as de dor, tornam-se como que guias para sua atividade adulta.

De acordo com Portelli (1997, p. 17) “as lembranças jamais deixam de ser profundamente pessoais [...] a memória jamais é exatamente igual” o que de certa forma nos reporta ao nosso propósito, que de acordo com Freeman (2007) e Chawla (1995), pode ser considerado como uma *re-coleção* ética e moral, no sentido de que também existe algo para além do pessoal de que “não podemos nos esquecer de que também acalentamos um sonho de compartilhar, de participar, de comunicarmos e de dialogar” nossas semelhanças e diferenças, tendo como objetivo ampliarmos a nossa consciência (Portelli, 1997, p.19). Portanto, acredita-se que, ao submergimos nas lembranças da infância, torna-se possível vislumbrar na perspectiva do adulto os caminhos percorridos que implicam nas escolhas que nos tornaram quem somos hoje.

Nesse sentido, Portelli (1997) trata da memória como arte não só daquilo que aconteceu, como também daquilo que deixou de acontecer, poderia ter acontecido ou deveria ter acontecido, pois segundo o autor a memória acompanha a mudança, contudo também resiste as mudanças que optamos por não fazer.

Para Portelli (1997) a história é vista como a um mosaico e/ou uma colcha de retalhos que, apesar de serem compostas por pedaços diferentes, quando unidos formam um todo coerente. E nesse contexto pode emergir através de registros autobiográficos o reconhecimento da liberdade que se dá no encontro, justamente, não só das diferenças mais também das igualdades, pois aquilo que criamos torna-se um “texto dialógico de múltiplas vozes e múltiplas interpretações”, por tratar-se da subjetividade, da memória, do discurso e do diálogo. (Portelli, p. 27).

Tanto Chawla (1995) termina o seu livro com um capítulo denominado “A recollective psychology” (Uma psicologia re-colectiva) quanto Freeman (2007) usa o mesmo termo no mesmo sentido, qual seja, de que a autobiografia pode levar a um novo e mais profundo sentido de verdade.

A compreensão autobiográfica assim emerge como um instrumento fundamental para a *re-coleção* ética e moral, tomada aqui no sentido clássico de juntar o que de outra maneira estaria perdido devido a nossa própria tendência para o esquecimento. (Freeman, 2007, p. 21).

Assim, foi nosso propósito, na pergunta a nós próprios dirigida, “recoletar” em nossas trajetórias existências as histórias não totalmente ditas e que passam a ser ditas num relato autobiográfico.

Portanto, o que os membros do grupo Família, (Auto)Biografia e Poética da Universidade católica do Salvador (FABEP/UCSAL) pretendem é resgatar em suas histórias de vida experiências que os tornaram outros, e como estas experiências moldaram o seu destino.

Este modo de proceder caminha na direção oposta aos cânones da ciência, não apenas em função da autobiografia não ser aceita como ciência, como abre uma porta para que se revejam tais possibilidades e a própria noção de subjetividade.

Finalizamos com uma poesia de Fernando Pessoa, uma pessoa, ou várias, sempre capaz de ultrapassar as palavras para dizer os acontecimentos.

Não sei quantas almas tenho

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem acabei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem

Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li
O que julguei que senti.
Releio e digo: "Fui eu ?"
Deus sabe, porque o escreveu

Fernando Pessoa

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Enfance et histoire*. Trad. Yves Hersault. Paris: Eds Payot et Rivages, 2000. (Original 1978).
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. In: SÃO PAULO: ABRIL CULTURAL, 1978. (Os pensadores). (Original 1957).
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CHAWLA, Louise. The place of poetry. *Children's Environments Quarterly*, 2(2): 01-13, 1985.
- CHAWLA, Louise. In the first country of places: nature, poetry and childhood memory. *Children's Environments*, v. 12, n. 4, dec., 1995. (CYE Book Review). Acesso em 21/03/2012. <mhtml:file://C:/Users/Elaine/Desktop/Documents/CYE Book Review.mht>
- FREEMAN, Mark. Narrative inquiry and autobiographical understanding. In: Clandinin, Jean. *Handbook of narrative inquiry. Mapping a methodology* (pp. 120-145). Alberta: Sage Publish., 2007.
- HESSE, Hermann. *A infância do mago*. (Trad. Samuel Titan Junior). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Original 1973).
- NITSCHACK, Horst. A escrita autobiográfica de Graciliano Ramos: buscando o espaço da subjetividade. In: Helmut Galle, Ana Cecília Olmos, Adriana Kanzepolsky, Laura Zuntini Izarra (Orgs.). *Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria autobiográfica* (pp. 287 – 247). São Paulo: AnnaBlume; FFLCH; USP; FAPESP, 2009.
- OZ, Amós. *De amor e trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (trad. Milton Lando). (1ª Ed. Original. 2002).
- PASUPATHI, Monisha, MANSOUR, Emma., BRUBAKER, Jed R. Developing a life story: constructing relations between self an experience in autobiographical narratives. *Human development*, vol. 50, p. 85-110, 2007.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *PROJETO HISTÓRIA: Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)*. São Paulo. SP-Brasil, nº15, p. 13-50, 1997.
- VERENA, Alberti. *Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 7, p. 66-81, 1991.